

A visão de estudantes de um curso de Administração sobre a vivência da modalidade de ensino remoto emergencial, adotada durante a pandemia do (Covid-19)¹

Aluna: Lucíola de Moraes Teodoro da Costa

Orientação: Prof. Henrique G. Rodrigues

Resumo

Por meio desta pesquisa, objetivou-se analisar a visão dos estudantes do curso de Administração de uma universidade pública federal sobre a vivência da modalidade de ensino remoto emergencial — ERE, adotada durante a pandemia da COVID-19. Através de entrevistas “*online*” assíncronas, entrevistaram-se 23 estudantes do curso de Administração que, devido à pandemia teve a opção de dar continuidade nas aulas na modalidade remota, cujas respostas foram analisadas através da análise de conteúdo. Os resultados mostram que a maioria dos entrevistados gostou e apoiou a iniciativa da universidade de aderir ao ensino remoto emergencial — ERE. Apenas uma pequena parcela apontou que a adoção deste método não foi benéfica e se sentiu desmotivada em dar continuidade. Os entrevistados, na grande maioria, descreveram sua vivência da modalidade remota como boa! Com horários flexíveis, com praticidade de não ter que se locomover para a universidade. Porém, por outro lado, negativamente, descrevem que tiveram dificuldade em manusear as plataformas digitais necessárias para assistir às aulas, que os próprios professores mostraram dificuldade com o manuseio destas plataformas, gerando perda de tempo e provocando a desmotivação nos alunos. Além disso, alguns entrevistados mencionaram que houve excesso de atividades recebidas, e a falta de informação em relação ao apoio oferecido pela universidade. A investigação contribuiu para mostrar as dificuldades vivenciadas pelos estudantes nessa modalidade de ensino remoto emergencial — ERE, decorrente do isolamento social. E, na prática, tal compreensão pode auxiliar a universidade acompanhar, analisar e criar formas de solucionar estes problemas, de modo a melhorar a experiência dos estudantes e professores nessa modalidade de ensino.

Palavras-chave: curso de Administração; Ensino remoto emergencial; educação a distância; Covid-19.

1 Introdução

Em 2019 ocorreu um marco histórico mundial: a chegada do Novo Corona Vírus (SARS-CoV-2) que provoca a doença COVID-19. E no mês de março de 2020, foi decretado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) a pandemia, o que provou uma série de restrições sanitárias recomendadas para tentar conter a disseminação do novo vírus.

As medidas protetivas tiveram que ser tomadas para evitar a contaminação em massa das pessoas, incluindo o distanciamento social, lavagem e higienização das mãos, uso do álcool em gel, uso de máscaras e diversas outras medidas. O distanciamento social levou a paralisação momentânea de algumas atividades sociais, afetando a vida humana em seus amplos aspectos

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora, no dia 29/11/2021, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Administração, pela Faculdade de Gestão e Negócios, da Universidade Federal de Uberlândia.

sócios-econômicos, a saber, trabalho, saúde, educação, serviços e comércios, lazer, turismo, religioso e afins.

A Covid-19 teve sua origem na China final do ano de 2019, provocando uma grande mobilização por parte da Organização Mundial de Saúde (OMS), pois a doença se propagou com grande rapidez, explicitada no Regulamento Sanitário Internacional de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) informando os riscos de contágio mundial para os outros países. (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020).

No Regulamento Sanitário Internacional a Organização Mundial de Saúde emite o alerta para o mundo declarando que a COVID-19 foi categorizada como pandemia, isso ocorre quando uma doença é distribuída de forma geográfica atingindo vários países, em função disso o Ministério da Saúde por meio da Portaria n.º 188 declarou Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) a elaborar estratégias para contenção da proliferação da doença no Brasil. E no dia 13 de fevereiro foi publicado o Plano de Contingência Nacional para a COVID-19, e uma das medidas é o isolamento social que afeta diretamente o ensino presencial.

No Brasil a Pandemia foi decretada no dia 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), apesar que desde o mês de fevereiro já ter sido decretado uma Emergência Sanitária, no país ainda não havia muitos casos confirmados. O anúncio da pandemia foi feito após ter mais de 115 países com casos confirmados (BRASIL, 2020). A percepção de que a doença tinha uma rápida contaminação fez com que as autoridades sanitárias tomassem medidas para evitar a contaminação das pessoas, criando assim os protocolos sanitários de segurança. Que consistia no isolamento social, cuidados com a higienização das mãos, uso de álcool em gel e o fechamento de todos os estabelecimentos comerciais, instituições religiosas, instituições de ensino e afins. Tudo para evitar a aglomeração das pessoas e evitar que o vírus se espalhasse cada vez mais. As pessoas foram obrigadas a ficarem em suas casas sem poder sair para nada e muito menos manter um contato com outras pessoas. Isso tudo impactou principalmente as instituições de ensino sendo o foco desse estudo, que acabaram de iniciar o ano letivo e não puderam dar continuidade nas aulas presenciais.

Com o decorrer dos meses a preocupação foi maior, pois as instituições foram obrigadas a traçarem um plano para retornarem as aulas de maneira diferente do usual, para não prejudicarem seus alunos. A resolução n. 7/2020 do Conselho de Graduação dispõe sobre a instituição estudada para este estudo, autorização e recomendação de Atividades Acadêmicas Remotas Emergenciais de caráter excepcional e facultativo devido à epidemia COVID-19, dessa maneira, a Universidade Federal, aderiu ao Ensino Remoto Emergencial — ERE, para que seus alunos pudessem dar continuidade aos seus estudos e principalmente aos alunos ingressantes na academia naquele ano.

Em virtude desses fatos, este estudo identificou qual a visão dos estudantes de um curso de Administração de uma universidade pública federal, sobre a vivência da modalidade de ensino remoto emergencial, adotada durante a pandemia de COVID-19. Teve-se como finalidade analisar a visão dos estudantes sobre as dificuldades e desafios enfrentados, bem como sobre a forma com que a universidade forneceu suportes aos estudantes durante esse período. Assim, os objetivos específicos, da pesquisa, foram:

- a) Apresentar a diferença entre EAD e o Ensino Remoto Emergencial — ERE adotado pela Universidade diante da pandemia;
- b) Apresentar a percepção dos estudantes a respeito das atividades remotas emergenciais e identificar quais foram os desafios vivenciados pelos mesmos;
- c) Analisar quais foram as medidas adotadas pela universidade para enfrentar o problema e se as mesmas foram adequadas para suprir as necessidades dos discentes.

As discussões sobre a prática educativa apontam que escolarização deve ser além da aprendizagem de conteúdo, entretanto, segundo Alonso (2020) o ERE apresenta limitações confrontantes as recomendações dos currículos pedagógicos por se firmar em princípios disciplinares que dão ênfase no conteúdo. O presente estudo identificou qual a visão dos estudantes de um curso de Administração de uma universidade pública federal, sobre a vivência da modalidade de ensino remoto emergencial, adotada durante a pandemia de COVID-19, afim de fomentar discussões e possíveis contribuições para melhorias na vivência dessa modalidade de ERE.

2 Fundamentação teórica

2.1 Ensino à Distância — EAD

O estudo realizado por Vermelho (2014) mostra que em meados de 1970 surgiu a teorização do EAD, levantado por um movimento de pesquisadores que utilizavam dessa técnica. No ano 1972, em uma Conferência Mundial do Conselho Internacional de Educação por Correspondência — ICCE — onde foi proposto por Michel Moore uma definição para esse modelo de educação. Desde então a comunidade acadêmica ficou responsável por determinar uma teoria pedagógica para o ensino à distância.

Um pesquisador chamado Wedemeyer, integrante da terceira geração de EAD, realizou uma compreensão sobre a educação a distância que enfatiza a atuação do sujeito aprendiz no processo. Wedemeyer (em 1971) tentou “[...] delinear o estudante independente como uma pessoa não somente independente no espaço e no tempo, mas também potencialmente independente no controle e na direção do aprendizado” (p. 294), (VERMELHO, 2014).

Segundo Alonso (2014), o ensino à distância no Brasil recebeu seu DECRETO Nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005 (Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional), para atuação no ano de 2005 em meio a expressivas políticas públicas. Reconhecendo o decreto que regulamentava a oferta dessa modalidade e ofertando credenciamento e a autorização dos cursos. Visando encontrar as tendências e delineamento existentes nessa oferta de ensino à distância, foram analisados documentos obtidos do Ministério da Educação, dados de senso do Ensino Superior e publicações relacionadas ao tema. Foi possível evidenciar distorções e problemas no processo de implementação dessa modalidade de ensino à distância.

Moran (2009), diz que com a implementação no Brasil do ensino superior à distância, essa ação saiu da fase experimental e os docentes começaram a aprender e testar novos modelos de ensino consoante a regulação por parte do Ministério da Educação. Os modelos mais conhecidos e usados foram os de tele aula, vídeo aula e Web. Contando com instituições de graduação e pós-graduação públicas e privadas fazendo o uso desses modelos.

O ensino à distância está se tornando cada vez mais complexo porque está crescendo em todas as áreas: usando modelos diferentes, rápido a evolução da rede, a mobilidade da tecnologia, devido ao escopo Sistema de comunicação digital. Existem modelos de EAD muito diferentes que podem responder a diferentes conceitos de ensino e organizacionais. Existem modelos de autoaprendizagem e colaboração: modelos com foco em professores (salas de aula à distância), conteúdo e outros modelos que se concentram em atividades e projetos. Existe um modelo para um pequeno número de alunos e modelos públicos, para dezenas de milhares de alunos. Existem cursos que são altamente interativos com o professor com outras pessoas com pouca interação. (MORAN, 2009)

No Brasil a legislação tende de optar pelo método semipresencial, onde acompanha o aluno mais de perto através dos polos das universidades, demonstrando sua desconfiança do modelo “online”, principalmente nos cursos de graduação. (MORAN, 2009)

A educação a distância está em constante transformação deixando de ser um modelo complementar nos estudos, para uma profunda mudança no ensino superior como todo. Deixando cada vez mais flexível o semipresencial, reorganizando os espaços e tempo na aprendizagem (MORAN, 2009). Moore e Kearsley (2007, p. 02) afirmam que:

[...] O ensino à distância é um aprendizado planejado que acontece normalmente em lugares distintos do real local do ensino, exigindo técnicas especiais de criação do curso e de instrução, comunicação através de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais.

Gomes (2013), realizou uma discussão sobre os aspectos relativos ao uso de tecnologia no Ensino Superior, referente ao que é chamado no Brasil de Educação a Distância, com a criação do Sistema UAB — Universidade Aberta do Brasil sobre o contexto de sua criação. A UAB visa realizar o desenvolvimento da modalidade de educação a distância, com o intuito de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de ensino superior no País.

Com tudo o estudo mostrou uma grande incerteza no uso da tecnologia nas escolas e universidades, que na sua maioria adaptará a tecnologia aos seus modelos presenciais e no EAD, trazendo pouca ou nenhuma inovação nas práticas pedagógicas. (GOMES, 2013)

Entende-se por Gomes (2013), que o EAD passou por diversas fases sendo elas, a era do correio, do rádio e da televisão, e atualmente encontra-se na área da ‘internet’, obtendo em cada uma das circunstâncias que passou acertos e erros, incoerências e contradições quase sempre inesperadas, decorrentes da situação do país em que vivemos com dimensões continentais e principalmente uma grande defasagem no campo educacional que necessita de correções o mais rápido possível. No entanto, voltaremos quando a Lei de Diretrizes foi promulgada em 1996 e a Base Nacional de Educação n.º 9.394, em 20 de dezembro do mesmo ano, e o artigo 80 afirma que o governo incentivará o desenvolvimento para difundir planos de ensino à distância em todos os níveis e modalidades de ensino e educação continuada. No entanto, só foi estipulado pelo decreto em 20 de dezembro de 2005 n.º 5.622, anulou o Decreto n.º 2.494, de 10 de fevereiro de 1998.

O termo “modal” de educação a distância nos leva a refletir se a mediação a tecnologia do processo de ensino significa que isso determinará a relação de ensino e os recursos de ensino são eles que vão decidir a ação docente (LEMGRUBER, 2012). Claro, no entanto, os meios não são decisões, mas condições impostas, restrições e possibilidades. Por exemplo, você não pode inserir arquivos de áudio ou vídeo em um texto impresso. Por outro lado, independentemente dos livros disponíveis, pode promover o nível de interação, participação e colaboração; isso não é privilégio de materiais, mas escolha de métodos. Mas você não pode negar o uso dessas e de outras formas de trabalho pela mídia digital Ensino. (GOMES, 2013)

2.2 Ensino Remoto Emergencial — ERE

Os autores, Saraiva; Traversini; Lockmann (2020), expõem os resultados de uma discussão realizada sobre a proposta de adaptação do ensino presencial para o ensino remoto devido à pandemia da Covid — 19 que se instaurou mundialmente no ano de 2020. O estudo foi realizado no estado do Rio Grande do Sul através de material empírico coletado nas instituições de ensino e através de algumas seções de notícias, possibilitando levantar dois eixos

de observação “Ensino remoto entre oportunidades, dificuldades e desigualdades” e “A docência à exaustão”.

Constatou-se que toda a estratégia de mudança nas atividades para os alunos foi concentrada nos docentes que tiveram que usar sua criatividade e conhecimento para que os alunos dessem continuidade aos seus estudos em casa. Causando uma certa exaustão nos docentes pela grande carga a eles acarretada (SARAIVA; TRAVERSINI; LOCKMANN, 2020).

Diante desse cenário pandêmico como essas aulas ‘online’ foram planejadas, de que forma foram organizadas, que recursos e ‘design’ foram utilizados? Dentre essas questões abordadas foi possível realizar um pequeno resumo de todos os recursos e conhecimentos necessários para que os professores conseguissem evoluir na elaboração das atividades ‘online’. Ficando claro que esse tipo de mudança repentina é de difícil aceitação e incorporação para os estudantes, trazendo um grande desafio para os docentes, que tiveram que se reinventar para alcançar seus objetivos de continuar dando suas aulas e interagindo com seus alunos sucintamente (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020).

Conforme a legislação vigente (Brasil, 2016) existe no ensino básico, referente aos Cursos Técnicos Integrados (CTI) uma porcentagem na carga horaria que pode ser ministrada a distância de 20%, porém com a vinda da pandemia essa realidade mudou. Na tentativa de amenizar os prejuízos nesse processo de ensino e aprendizagem recorrentes da crise, de não perder completamente o contato com os estudantes e de todo o conteúdo estudado no decorrer do curso, abarcando as unidades curriculares básicas como nas técnicas, permitiu-se a substituição das aulas presenciais por aulas à distância (CASTAMAN; RODRIGUES, 2020).

Com esse tipo de modelo de ensino ainda não é possível obter resultados de desempenho, porém podem ser discutidos alguns desafios encontrados. Como os docentes devem lidar com a urgência em reaprender/refazer as formas de contactar seus alunos e enviar as atividades e os acompanhar individualmente? É fato que essa adaptação, levará algum tempo para se estabelecer, apesar de ser algo que não permite a espera do tempo, causado pela Pandemia (CASTAMAN; RODRIGUES, 2020).

Segundo Valente et al. (2020), nas experiências de uma nova construção do ensino remoto em uma determinada universidade, incontáveis são os desafios enfrentados perante a prática docente, pelo fato do novo formato das aulas serem ofertadas em Ambientes Virtuais de Aprendizagem. A partir dessas necessidades a instituição tem desenvolvido algumas ações para ajudar nessa situação como: conseguir equipamentos e acesso à ‘internet’ de todos os servidores e alunos; atender com suporte tecnológico os discentes, docentes e técnico administrativos; padronizações gerais e específicas para apoiar as decisões e ações gerenciais das direções, coordenações, chefias dos departamentos e docentes; fornecendo recursos voltados para a capacitação pedagógica para melhor efetivar a prática de ensino remoto.

O ERE se tornou fator principal nesse cenário da crise, obrigando todo o corpo social da universidade a enfrentar o grande desafio de elaborar novas formas de ensino aprendizagem, ressignificando as práticas de ensino pedagógicas.

Ainda há uma grande confusão entre os conceitos de EAD e ERE, que para Rodrigues (2020, p. 4) se classifica como:

Uma disciplina presencial não pode se “transformar” em disciplina a distância muito rapidamente, nem ser vista dessa forma simplesmente por estar acontecendo à distância em função das circunstâncias pelas quais estamos passando.

Em tempos de pandemia, o que a maioria das instituições educacionais que estão mantendo e/ou retomando é adaptar, provisoriamente, o ensino remoto — e isso não é EAD.

Na pesquisa realizada em uma universidade federal por Rodrigues (2020), destacou-se que para atender as demandas dos docentes, a instituição criou e disponibilizou em uma plataforma ‘online’ uma série de tutoriais de recursos educacionais gratuitamente para a produção de conteúdo educacionais virtualmente. Concluindo ser preciso primeiro aprender a utilizar as ferramentas para depois poder aplica-las educacionalmente.

Outra observação feita pelo autor é sobre o tempo, pois nas aulas presenciais normalmente se utilizava 50 min para se passar todo um conteúdo já programado, porém nessa nova modalidade ‘online’ esse tempo pode ser reduzido para se ter um melhor aproveitamento dos discentes (RODRIGUES, 2020).

Para Rodrigues (2020), é evidente que os desafios são incontáveis, porém a educação e o mundo pós-pandemia não será o mesmo. Observamos que professores que eram resistentes ao uso da tecnologia como ferramenta de ensino a aprendizagem, se abrindo e enxergando possíveis possibilidades de mudança positivamente e ressignificando suas práticas.

O ponto de vista das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) como soluções para salvar os empasses da educação está longe de ser certa, mas com certeza elas podem direcionar a caminhos melhores com práticas que podem colaborar mais com a relação horizontal entre docentes e discentes no Ensino Superior, tanto nesse presente momento de pandemia, quanto no futuro quando tudo isso acabar e dermos início ao que já vem sendo chamado de “o novo normal” (RODRIGUES, 2020).

3 Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa tem natureza qualitativa — descritiva, cujo objetivo é buscar e compreender como os participantes dão sentido a suas experiências e lidam com as situações do dia a dia (Merriam, 2009). Os participantes da pesquisa são alunos do curso de Administração de uma universidade pública, que por estarem em isolamento social, imposta pela pandemia da COVID-19, tiveram aulas no formato ‘online’, por determinação da universidade em que estudam. E foi assim que surgiu o ERE, uma adaptação das aulas presenciais para aulas ‘online’, para que os alunos não perdessem o ano letivo, porém essa modalidade não foi obrigatória, os alunos tinham o direito de escolher realizar ou não as aulas remotas, tudo isso sem prejudicar as notas.

Para coletar os dados, foi utilizado uma técnica de entrevista online, onde, Flick (2013, p. 168), fundamenta como sendo, o pesquisador “[...] encaminha aos participantes o questionário e eles os devolvem respondidos mais tarde: neste caso, vocês (pesquisador e participantes) não tem a necessidade de estarem conectados em simultâneo”. O roteiro de entrevista foi estruturado da seguinte forma:

- Informação ao participante sobre o que seria tratado no questionário e se ele aceitaria ou não participar da pesquisa.
- Algumas perguntas visando identificar qual a percepção do entrevistado sobre o ERE: qual a sua opinião sobre essa modalidade, quais os desafios enfrentados, se houve algum suporte para os alunos, quais os pontos positivos e negativos dessa modalidade e o que mudou na rotina depois da vinda da pandemia e a instauração do ERE.
- Por fim, foram feitas algumas perguntas de cunho demográfico para identificar as características dos participantes da pesquisa.

O roteiro de entrevista foi disponibilizado para os participantes da pesquisa, na plataforma Google Forms, gerando um link gerado para compartilhamento. Uma ampla divulgação foi realizada pelo aplicativo de mensagens rápidas WhatsApp, em grupos do curso de Administração, onde os participantes tinham acesso ao questionário, e conforme os discentes iam respondendo, e incentivando outros colegas a responder o questionário também, assim tornando um fenômeno chamado técnica Bola de Neve. Ao final dessa coleta de dados, foram contabilizadas 23 respostas online, equivalente ao total de participantes da pesquisa.

Foi feita a análise dos dados através da análise de conteúdo, em concordância com os procedimentos listados por Bauer e Gaskell (2002), com exceção pela não transcrição das respostas das entrevistas, tendo em vista que as respostas foram digitadas pelos participantes da pesquisa. A análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido nas ciências sociais experimentais. Embora a maioria da análise de conteúdo clássica resulte em descrições numéricas de algumas características do *corpus* textual, atenção considerável é dada ao "tipo", "qualidade" e "diferença" distinta "no texto antes da quantificação. Assim, a análise textual preenche a lacuna entre o formalismo estatístico e a análise qualitativa do documento. Em relação à divisão quantidade / qualidade da ciência, a análise de conteúdo é uma técnica combinada que pode arbitrar essa discussão improdutiva de virtudes e métodos.

Passos na análise de conteúdo, segundo Bauer e Gaskell (2002, p.215)

1. A teoria e as circunstâncias sugerem a seleção de textos específicos.
2. Faça uma amostra caso existirem muitos textos para analisa-los completamente.
3. Construa um referencial de codificação que se ajuste tanto às considerações teóricas, como aos materiais.
4. Faça um teste piloto, revise o referencial de codificação e defina explicitamente as regras de codificação.
5. Teste a fidedignidade dos códigos, e sensibilize os codificadores para as ambiguidades.
6. Codifique todos os materiais na amostra, e estabeleça o nível de fidedignidade geral do processo.
7. Construa um arquivo de dados para fins de análise estatística
8. Faça um folheto incluindo a) o racional para o referencial de codificação; b) as distribuições de frequência de todos os códigos; c) a fidedignidade do processo de codificação.

4 Apresentação, análise e discussão dos dados

Esta seção está organizada da seguinte maneira: primeiro, são apresentados os dados demográficos dos participantes da pesquisa; na sequência, é efetuada a apresentação e análise dos dados da pesquisa; por fim, é feita a discussão dos resultados.

4.1 Dados demográficos

A Figura 1 apresenta as características dos participantes da pesquisa, sintetizadas da seguinte forma: a) maioria do sexo feminino (73,9%); b) idade entre 20 anos à 52; c) os estudantes com escolaridade ao nível de ensino superior incompleto (82,6%); d) turno que estuda no noturno com (52,2%) e integral com (47,8%); e) período em que estudam entre o terceiro e o último (3.º a 10.º); f) quantidade que trabalha ou realiza estágio com (65,2%); g) em que turno trabalha? a maioria em período integral com (21,7%) e h) qual área trabalha? a maior porcentagem foi da área administrativa com (8,72%):

Tabela 1: Caracterização do perfil dos participantes da pesquisa

Gênero	n°	%	Período que estuda	n°	%
Masculino	5	21,70%	3° ao 10°	23	100%
Feminino	17	73,90%			
Agênero	1	4,30%			
Idade	n°	%	Trabalha ou faz estágio	n°	%
20 a 29	18	82%	Sim	15	65,20%
30 a 52	5	18,00%	Não	8	34,80%
Escolaridade	n°	%	Turno que trabalha ou faz estágio	n°	%
Ensino médio ou técnico completo	23	100%	Manhã	4	14%
Ensino superior incompleto	19	82,60%	Tarde	2	7%
Ensino superior completo	1	4,30%	Integral	9	51,30%
Segunda Graduação ou mais	2	8,70%	Não trabalha/estágio	6	27,70%
Mestrado ou Pós-graduação	1	4,30%			
Turno que estuda	n°	%	Área que trabalha ou faz estágio	n°	%
Manhã	0	0	Administrativo	4	14%
Tarde	0	0	Financeiro	1	4,30%
Integral	11	47,80%	Atendimento ao cliente	3	13%
Noturno	12	52,20%	Saúde	1	4,30%
			Operações	1	4,30%
			Infraestrutura/financeiro	1	4,30%
			Facilites	1	4,30%
			Auxiliar administrativo	1	4,30%
			Sucesso do Cliente	1	4,30%
			Direção	1	4,30%
			RH	1	4,30%
			Não Trabalha/Estágio	7	34,30%

Fonte: dados da pesquisa.

4.2 Apresentação e análise dos dados

Essa pesquisa examina qual a visão dos estudantes de um curso de Administração de uma universidade pública federal, sobre a vivência da modalidade de ERE, adotada durante a pandemia de COVID-19. Para isto, na sequência, é elaborada a apresentação e análise dos dados coletados por meio da pesquisa.

Em primeiro lugar foi questionado sobre qual era a opinião dos alunos sobre o ERE? E as respostas tiveram seus vieses positivos:

Achei uma estratégia muito necessária em relação ao momento em que estamos vivenciando. Essa escolha foi muito importante para os estudantes, pois foi a maneira encontrada para dar continuidade aos seus estudos. (P2)

Acredito que dentro do possível, a Universidade conseguiu aplicar o ensino remoto. O curso de Administração não tem nenhuma matéria que precisaria necessariamente ser presencial, como disciplinas de laboratório na área de Saúde, então acredito que para o nosso curso, o impacto foi menor. (P8)

A universidade vem trabalhando com muito esforço para levar o melhor para seus estudantes, e acredito que está se saindo muito bem. Apesar de alguns professores tem uma certa dificuldade em relação esse ensino, mas faz parte e está sendo um grande aprendizado para gerar. (P20)

E também o viés negativo, seguido das seguintes respostas:

Sinto que não foi planejado e inclusivo a todos. Compreendo que não tiveram muito tempo para refletir sobre as medidas a serem adotadas. Acredito que está sendo suficiente, mas poderia ser mais aperfeiçoado. (P14)

Falho, cansativo e desestimulante. Mas bom para eliminar matérias da grade em menos tempo. (P4)

No começo estava bem complicado acostumar com as aulas, [...]. (P6)

Após saber a opinião dos discentes em relação ao ensino remoto foi possível evidenciar que a maioria tem um pensamento positivo sobre a questão e uma pequena parte não julgou que a alternativa não foi efetivamente viável e falho.

Em segundo lugar foi questionado aos discentes como havia sido ou estava sendo experiência com essa nova modalidade de ensino? E houve respostas tanto positivas quanto negativas, exemplo das primeiras:

Até o momento, são experiências positivas. (P3)

Gosto do modelo porque tenho mais facilidade em aprender sozinha do que em sala de aula. No modelo remoto tive mais a oportunidade de estudar sozinha e menos a obrigatoriedade de assistir aulas, já que as aulas são em menor duração. (P8)

Experiência foi boa, pois eu consegui me organizar para estudar mesmo não estando na sala de aula, não perder o semestre letivo foi bom para não atrasar os estudos e as aulas síncronas foram muito importantes para auxiliar nos estudos. (P9)

E as seguintes respostas mostram a avaliação negativa de alguns respondentes:

Complicada, desgastante, mas flexível para eu conseguir realizar outras coisas. (P14)

No começo não me adaptei, pois, era muito estranho, [...]. Mas ainda tem uns professores que não entendem a dificuldade do aluno em mexer com o meio tecnológico. (P18)

Difícil, tenho que lidar com uma linguagem tecnológica e programas que não me é habitual. Porém, é necessária essa aprendizagem. Ainda bem que tem pessoas com certo grau de altruísmo nas turmas que auxiliam os colegas com mais dificuldades e a faculdade oferece orientações por vídeo. (P22)

A maioria das aulas que tive nesse modo foram cansativas, não sei se é porque sou do noturno e horário cansa. Sem falar que tinha dias que a conexão era horrível. (P20)

Partindo das respostas dos participantes em relação a sua experiência com o ERE, o questionário descobriu sobre quais foram os maiores desafios encontrados e vivenciados pelos estudantes nessa modalidade de ensino que também se mostrou dividida entre os participantes, que tiveram alguma dificuldade:

Um dos maiores desafios que enfrentei foi a falta de ânimo para realizar as disciplinas. (P2)

Desafios técnicos (acesso à 'internet' e adaptações ao necessário a cada disciplina) e psicológicos (tentando fazer tudo que os professores inventavam e não desistir pelo nível de dificuldade). (P4)

A quantidade de trabalhos para fazer fora do horário da aula. A maioria dos professores dava muitas atividades para realizar e depositar no moodle. (P5)

A falta de 'internet' que fazia com que as aulas saíssem do ar, problemas no computador tanto dos alunos quanto do professor, falta de experiência em mexer com

alguns aplicativos necessários para as aulas ‘online’, problema no vídeo um áudio das aulas. (P9)

O fato de ficar em casa me gerou mais procrastinação, o conforto de casa virar um ambiente totalmente de estudos/trabalho fez com que minha produtividade caísse no início, mas atualmente estou melhor em relação a isso. (P16)

E os que não tiveram nenhuma dificuldade:

Não tive nenhuma dificuldade. (P1)

Nenhum. (P10)

Conseguir manter uma rotina de estudos estando em casa. (P12)

Também, se identificou a opinião dos participantes da pesquisa sobre o suporte oferecido pela universidade para eles poderem lidar com os desafios inerentes à nova modalidade. Parte dos estudantes tinha conhecimento do apoio oferecido pela universidade, como indicam os relatos:

Sim, cursos para capacitar a forma de utilizar a plataforma. (P1)

Sim, pelas redes sociais vejo que a universidade ofereceu editais de inclusão digital, além de oferece oficinas que ajudam o estudante a enfrentar o ensino remoto. (P2)

Ofereceu, mas não tive nenhum suporte por não atender aos critérios e exigências. (P4)

A universidade com o governo ofereceu um auxílio para que os alunos que não tinham condições de adquirir um computador pudesse comprar o seu dispositivo e ter suas aulas ‘online’ e também ofereceram auxílio para os alunos que não tinham condições de pagar ‘internet’ pudessem arcar com a despesa por meio do Auxílio ofertado. Permitiu com que vários alunos conseguissem continuar seus estudos o que não seria possível sem o auxílio. (P9)

Contudo, uma parte dos participantes da pesquisa informou não ter conhecimento ou não ter utilizado do apoio oferecido pela universidade, como mostram os relatos:

Eu não tive nenhum suporte, então não sei responder. (P8)

Não sei. (P10)

Não tenho conhecimento. (P12)

Soube que a Universidade ofereceu auxílios para computador e Internet, mas é oferecido para alunos de baixa renda, que no meu caso não me encaixo. (P20)

Conforme o Relatório de avaliação das atividades acadêmicas remotas emergenciais — AARE e do Trabalho remoto (UNIVERSIDADE PESQUISADA, 2021), elaborado pela Instituição de Ensino, foi possível ficar a par de todas as medidas tomadas perante a oferta dessa modalidade de ensino. A universidade realizou pesquisas para saber se os estudantes estavam aptos a participar das aulas dessa modalidade, como, por exemplo, a disponibilidade de ‘internet’, celular, Computador e Notebook.

Foi realizado a abertura de editais para discentes em situação de vulnerabilidade econômica pudessem adquirir ferramentas, para participar das aulas ‘online’, sem se prejudicar pela falta das mesmas. Outras ações tomadas pela universidade foram pequenos cursos e *lives*

‘online’ para ensinar os alunos a manusear as plataformas usadas pelos professores para ministrar as disciplinas.

O questionário também identificou, quais os pontos positivos encontrados pelos estudantes nessa modalidade, assim foi questionado quais foram esses pontos, e os estudantes deram a partir do seu ponto de vista individual, como indicam algumas das repostas:

Ajuda no tempo de conclusão do curso. Possibilidade de conseguir matérias que não conseguiria em modalidade presencial. Fluxibilidade em horários marcar reuniões com os professores quando necessário. (P2)

Economia, deslizamento, menor poluição no meio ambiente, menor tráfego veículos, diminuição de possíveis acidentes. (P5)

A facilidade de assistir às aulas e não precisar se deslocar até a universidade que na minha situação leva muito tempo. (P6)

Liberdade para estudar, menos tempo de aula teórica e avaliações menos rígidas e aplicadas com mais frequência (por exemplo: exercícios semanais em vez de duas provas por semestre). (P8)

Por trabalhar fora, o cansaço é menor que ter que ir à universidade e enfrentar todo um trânsito. Você fica em casa e realiza seu próprio horário e pronto. (P20)

O ensino remoto de alguma maneira obriga o aluno a se responsabilizar pelo seu aprendizado, o aluno é mais autônomo e o professor é um mediador fundamental que traz novos conhecimentos, promove debates tira dúvida, etc. (P22)

Também, se identificaram quais os pontos negativos encontrados pelos estudantes nessa modalidade, assim foi questionado quais foram esses pontos, e os estudantes deram a partir do seu ponto de vista individual, como mostram algumas das repostas:

Falta de aproveitamento em 100%. (P2)

Muitos discentes não foram contemplados com o suporte tecnológico que a universidade colocou à disposição, sabemos que a realidade ainda deixa muito a desejar na questão de oportunidades a todos. (P3)

Má didática, aulas e atividades cansativas e irrelevantes fora da disciplina específica aplicada, exigências exacerbadas por parte dos professores, humilhações constantes [...], etc., mas o ponto mais grave e a falta de cuidado com o psicológico dos envolvidos, sendo as medidas tomadas (palestras, rodas de conversa, etc.) problemáticas, [...] Tal abordagem não fez bem ao psicológico já afetado dos estudantes e inclusive foi um dos motivos de desistência de alunos a participação no ensino remoto. (P4)

É difícil concentração e interação com os colegas e professores. (P11)

A falta de interação social, a falta de conhecimento tecnológico no meu caso. O ambiente nem sempre é propício e a falta de recursos tecnológicos para alguns estudantes e a ‘internet’ que nem sempre está a contento. (P22)

Por fim, buscou-se saber o que mudou na rotina desses estudantes depois da instauração da pandemia e a vinda do ERE. Como ficou a rotina de locomoção principalmente para aqueles que trabalham, ficou mais fácil ou mais difícil. Conforme as respostas dos participantes as opiniões foram classificadas segundo a situação de cada um como mostra as respostas a seguir:

Durante a pandemia eu consigo encaixar meus horários melhores do que no presencial visto que nem todas as horas de aulas são ofertadas. (P1)

Antes da pandemia, eu conseguia conciliar o horário de trabalho com a faculdade, no entanto, não tanto agora, pois a flexibilidade que o ensino remoto ofereceu não me ajudou o bastante em relação a isso. (P2)

Melhorou muito. Porque ganhei tempo no deslocamento! Como meu trabalho é integral e meu curso também, ficava exausta de um lado para o outro, agora está bem melhor! (P5)

Antes era mais puxado então toda brecha de horário que tinha eu tentava estudar, agora possuo bastante horários vagos o problema maior está sendo a falta de motivação. Antes tinha alguma distração e agora é apenas ficar em casa então acaba que atrapalhou a motivação para estudar. (P6)

Antes eu precisava sair do trabalho correndo para estar na Universidade às 19h. Agora, trabalhando em casa e estudando tem sido muito melhor. [...]. (P7)

Como eu não trabalho fora, para mim esses horários são mais tranquilos. (P18)

Por estar em casa, fica complicado realizar um planejamento e seguir. São muitas interrupções. Mas observo a questão de não necessitar de locomoção para assistir aula como muito positivo. (P22)

Diante de todas as respostas dos participantes fica visível a divisão de opiniões dos discentes em pontos positivos e negativos diante do uso do ERE, mostrando como essa nova modalidade de ensino impactou na vida e no aprendizado deles.

4.3 Discussão dos resultados

A adoção do ERE nas universidades públicas brasileiras se assemelha a outras instituições de ensino superior ao redor do mundo, em relação aos desafios enfrentados com as aulas online, impostos pela pandemia da Covid-19. Em questão, para o funcionamento do ERE seria necessário que os indivíduos que o forem utilizar tivessem acesso à ‘internet’ e suas casas, onde possivelmente estão vivendo com suas realidades individuais e familiares, no que lhe concerne não tornando um ambiente propício para estudo e concentração, decorrente do isolamento social.

Do ponto de vista da instituição de ensino oriunda desse estudo, foi ofertado todo suporte necessário para que o ERE desse andamento em benefício dos discentes e docentes. Ofertando diversos recursos para eles, sendo, editais para contemplar os discentes com vulnerabilidade socioeconômica com acesso à internet e computadores para conseguir acompanhar as aulas online, foi realizado cursos e *lives* para ensinar como utilizar as plataformas digitais que seriam utilizadas pelos docentes nas aulas e claro foi criado todo um cronograma especial para o ERE para que ambos não saíssem prejudicados.

Saraiva, Traversini e Lockmann (2020), trazem em seu estudo duas questões relevantes a esse presente estudo, “Ensino remoto entre oportunidades, dificuldades e desigualdades” e “A docência à exaustão”. É possível ver uma semelhança nos resultados desse presente estudo em relação ao estudo dos autores citados, referente aos discentes e suas respostas na pesquisa. No estudo citado pelos autores é possível identificar as dificuldades com o ERE de adaptação, de aprendizagem, de manuseio das plataformas online e também não deixaram de citar a dificuldade dos próprios docentes com a nova realidade, que por sua vez descreve bem a segunda pergunta dos autores sobre a exaustão dos docentes. Mostrando que essa mudança repentina causou um estresse para ambos discentes e docentes, que tiveram que se adaptar muito rapidamente a uma nova situação sem ter um conhecimento prévio para tal.

Segundo Moreira; Henriques; Barros (2020), de que forma foram planejadas as aulas do ERE, quais foram as plataformas e recursos utilizados para que tudo acontecesse da melhor

forma possível? Levando novamente ao questionamento de como toda essa ação repentina foi exaustiva para os docentes que tiveram que se reinventar para conseguir dar continuidade nas suas aulas, mas agora de forma remota. Diferentemente do estudo dos autores citados, esse presente estudo partiu da percepção dos discentes em relação a essa mudança repentina do modelo de aulas, mostrando em suas respostas na pesquisa que também foi muito exaustivo e desmotivador acompanhar o ERE.

Nesse estudo o foco foram os discentes e sua percepção, e vivência com a nova realidade na universidade com a vinda do ERE, trazendo os resultados que mostram o quão foi desafiadora essa adaptação. Os autores Castaman; Rodrigues (2020), fazem uma análise sobre a vinda das aulas *'onlines'*, questionando quais seriam as limitações encontradas, e como resolvê-las para se poder usar essa modalidade em 100% e mostra sua preocupação com os docentes em relação a sua aprendizagem e capacidade de se conectar com os alunos e dar um acompanhamento individual.

Valente et al. (2020), fala em seu estudo sobre toda essa mudança e adaptação da universidade para com a adoção do ERE, disponibilizando todos os recursos necessários para suprir as necessidades dos docentes, discentes e técnicos administrativos, promovendo capacitações para os mesmos. Já no presente estudo pode se perceber que a universidade estudada também cumpriu um cronograma de preparação para a inserção do ERE, tentando envolver todos, porém a pesquisa realizada mostra que uma parte dos discentes não estavam a par dos apoios oferecidos pela universidade, tendo assim uma desmotivação para acompanhar as aulas.

Rodrigues (2020), destaca as mudanças causadas nas aulas que antes eram presenciais e agora estão completamente remotamente, a principal e notável mudança foi a questão do tempo de aula que diminuiu, visando ter um melhor aproveitamento das aulas e prender a atenção dos alunos. Ele também fala sobre os desafios tecnológicos enfrentados pelos docentes e se adaptar com nova forma de dar aulas e manusear as plataformas digitais, trazendo uma reflexão que essa nova modalidade de ensino venha para ficar, se transformando em um “novo normal”.

Em relação ao presente estudo diferindo de todos os outros estudos encontrados e utilizados como referência a este, temos o ponto de vista dos discentes em relação a toda essa mudança repentina, que nos trouxe uma grande reflexão que não só os docentes estão sobrecarregados, mas também os discentes. Para considerar, pois, são os maiores interessados em uma formação, que futuramente estarão no mercado de trabalho exercendo suas profissões. É de grande importância saber quais os desafios estão sendo enfrentados pelos discentes e escuta-los para poder melhorar a qualidade do ERE, para se tornar uma ótima experiência para ambos.

5 Considerações finais

Neste trabalho, teve-se como objetivo principal: qual a visão dos estudantes de um curso de Administração de uma universidade pública federal, sobre a vivência da modalidade de ERE, adotada durante a pandemia de COVID-19. E pode se dizer que através da pesquisa realizada podemos destacar os pontos mais importantes buscados. Como um dos objetivos específicos que foi: apresentar a diferença entre EAD e o ERE, que conforme a fundamentação teórica trazida para este estudo, diferentemente do ERE o EAD exige toda uma preparação antecipada, a formação do projeto pedagógico, estudo planejado, planos de aulas, formalidades como aprovação do Ministério da Educação, etc. Já o ERE foi uma adaptação das aulas presenciais corriqueiramente, sem quase nenhum preparo antecipado para essa mudança. Por isso, não se deve assemelhar o EAD com ERE, pois são situações completamente diferentes.

Foi possível evidenciar que a vivência dos estudantes não foi tão fácil e prazerosa. Conforme as respostas do questionário aplicado, vários fatores foram de viés positivos e negativos, como, por exemplo: a comodidade de tempo e acesso às aulas em qualquer lugar, em contrapartida, a dificuldade para acessar as aulas por falta de equipamentos e ‘internet’ ou um lugar adequado, as aulas serem mais curtas e dinâmicas, porém a falta de conhecimento e domínio das plataformas digitais não somente dos estudantes mas também dos professores, causando estresse e desmotivando a continuar com as aulas.

De acordo com vários autores citados nessa pesquisa fica evidente a preocupação com a exaustão do corpo docente, sempre dizendo que todo o trabalho de se reinventar para conseguir dar continuidade as aulas se devem a eles. Porém, esse estudo demonstrou a importância também de olhar o lado dos discentes e a sua exaustão perante aos últimos acontecimentos e a vinda repentina do ERE, que impactou diretamente na vida de todos. As dificuldades encontradas são várias, como ter acesso a aparelhos e ‘internet’ de qualidade, a falta de domínio com as plataformas digitais, o fato de não estarem em um ambiente propício para se concentrar na aula, etc. Tudo isso causa uma preocupação em relação ao futuro e sobre a sua aprendizagem ficar comprometida negativamente. Por isso, esse é um tema importante ser abordado e discutido para surgir soluções para enfrentar esses desafios, pois percebe-se que essa realidade tende a se perdurar por mais tempo ou como estão dizendo é o “novo normal”.

As contribuições trazidas pelo estudo dizem respeito, como o ERE tem impactado na vida dos discentes. Mesmo a instituição de ensino tenha tido organizado todo um plano para a execução das aulas ‘online’, nem toda a comunidade acadêmica de discentes foi abarcada. Trazendo então um ponto importante para ser tratado e buscar formas de tentar chegar a todos e verificar as falhas para poder bolar planos de melhoria. É de grande importância dar voz aos que de fato estão vivenciando essa nova modalidade, para poderem entender o que se passa e tentar resolver o da melhor maneira possível.

As limitações do estudo, se dão especialmente as restrições decorrentes da aplicação da técnica da entrevista ‘online’ assíncrona, onde o participante poderia responder e depois enviar a resposta sem ter qualquer tipo de contato com o pesquisador. O questionário por contar com questões abertas, tiveram alguns participantes que discorreram bem nas respostas, porém, outros não deram tantos detalhes respondendo apenas com uma palavra sem dar justificativa.

Como a pesquisa abrangeu somente os estudantes do curso de Administração da universidade, sugerisse que seja feito com outros cursos onde a realidade difere, cursos que tenham aulas práticas e como foi essa vivência dos estudantes nessa situação. Considerando se os apontamentos efetuados nessa pesquisa se encaixam em futuros estudos como esse. E como o ERE pode ser melhorado e se tem oportunidades de continuar a ser executado como outra alternativa de estudos além da presencial.

Referências

ALONSO, Katia Morosov. A EaD no Brasil: sobre (des)caminhos em sua instauração. **Educar em Revista**, [S.L.], n. 4, p. 37-52, 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.38643>.

Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2002). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual. prático. Petrópolis: Editora Vozes.

BRASIL, Agência. **Organização Mundial da Saúde declara pandemia de corona vírus:** atualmente, ao menos 115 países têm casos da doença. Atualmente, ao menos 115 países têm

casos da doença. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Coronavírus**: monitoramento nas instituições de ensino. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/coronavirus/>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

Brasil (2016). **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/52031-catalogonacional-de-cursos-tecnicos>. Acesso em: 27 de jul. 2021.

CASTAMAN, A. S.; RODRIGUES, R. A. Educação a Distância na crise COVID - 19: um relato de experiência. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 6, p. e180963699, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i6.3699. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3699>. Acesso em: 27 jul. 2021.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília**, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

Decreto Nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Disponível em: <<https://uab.ufsc.br/blog/2008/01/04/decreto-5622/>>. Acesso em 04 dez. 2021.

Flick, U. (2013). Introdução a metodologia de pesquisa. Porto alegre: Editora Penso.

GOMES, Luiz Fernando. TENDÊNCIAS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ead no brasil: perspectivas e desafios. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 13-22, 12 mar. 2013.

LEMGRUBER, Márcio Silveira. Educação a distância: para além dos caixas eletrônicos. Portal do MEC. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/conferencia/documentos/marcio_lemgruber.pdf. Acesso em: 04 dez. 2021.

Merriam, S. (2009). Qualitative research: a guide to design and implementation. San Francisco: Jossey-Bass.

MORAN, J.M.. O Ensino Superior à Distância no Brasil. **Educação & Linguagem**, [S.L.], v. 12, n. 19, p. 17-35, 30 jun. 2009. Instituto Metodista de Ensino Superior. <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1043/el.v12n19p17-35>.

Moore, M. & Kearsley, G (2007). Educação a distância: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning.

MOREIRA, José António Marques; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, [S.L.], n. 34, p. 351-364, 3 jun. 2020. University Nove de Julho. <http://dx.doi.org/10.5585/dialogia.n34.17123>.

Rodrigues, A. (2020). Ensino remoto na Educação Superior: desafios e conquistas em tempos de pandemia. **SBC Horizontes**, jun. ISSN 2175-9235. Disponível em: <<http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/06/ensino-remoto-na-educacao-superior/>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

RODRIGUES, Alessandra. Ensino remoto na Educação Superior: desafios e conquistas em tempos de pandemia. **SBC Horizontes**, jun. 2020. ISSN 2175-9235. Disponível em: <<http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/06/ensino-remoto-na-educacao-superior/>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Praxis Educativa**, [S.L.], v. 15, p. 1-24, 2020. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). <http://dx.doi.org/10.5212/praxeduc.v.15.16289.094>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. Relatório de ações de transição – Covid-19 | UFU. 1º versão. Disponível em <http://www.comunica.ufu.br/noticia/2020/06/ufu-divulga-relatorio-deacoes-de-transicao-covid-19> . Acesso em: 15 setembro/2021.

VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti *et al.* O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: reflexões sobre a prática docente. **Research, Society And Development**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 9, p. 1-13, 9 set. 2020. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.8153>.

VERMELHO, Sônia Cristina. Educação a distância: sistemas de aprendizagem on-line. **Educar em Revista**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 263-268, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.38941>.